

Bibliotecas comunitárias: espaços de informação e cultura em territórios de vulnerabilidade

Community Libraries: areas of information and culture in vulnerable territories

Nathália Zaneratto Rosa

Bacharel em Biblioteconomia pela
Universidade de São Paulo (USP).
nathzrosa@gmail.com

Asa Fujino

Doutora em Ciências da Comunicação pela
Universidade de São Paulo (USP). Docente do
Departamento de Informação e Cultura e do Programa
de Pós-Graduação em Ciência da Informação da
Universidade de São Paulo (USP).
asa.fujino@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo elaborar um panorama do trabalho desenvolvido nas bibliotecas comunitárias de São Paulo e propor reflexões sobre a contribuição dos cursos de Biblioteconomia na formação crítica e política de profissionais para a atuação nesses espaços. O estudo tem como base referencial teórico sobre as bibliotecas comunitárias, a função social da Biblioteconomia e as políticas públicas para o livro, a leitura e a biblioteca; e coleta de dados sobre três bibliotecas comunitárias da cidade de São Paulo, localizadas em regiões periféricas marcadas por altos índices de vulnerabilidade social. Os resultados confirmam que as bibliotecas comunitárias surgem das necessidades locais resultantes da escassez de políticas públicas culturais, atuam no incentivo à leitura, no desenvolvimento das comunidades e na democratização do acesso à informação e à cultura. Destaca-se a importância da articulação em redes de bibliotecas, que dão amplitude nacional e local a essas iniciativas. Conclui-se pela necessidade de uma maior aproximação dos cursos de Biblioteconomia com a realidade das bibliotecas comunitárias, buscando questionar e refletir sobre a formação dos bibliotecários para além dos aspectos técnico-administrativos previstos nas estruturas curriculares, de modo a contribuir para a formação leitora, crítica e autônoma do cidadão. Por fim, ressalta-se a necessidade da intensificação do debate acerca desses dispositivos.

Palavras-chave: Bibliotecas Comunitárias; Políticas Públicas para Bibliotecas; Formação de bibliotecários.

ABSTRACT

The article aims to present an overview of the work developed in the community libraries of São Paulo and to propose reflections on the contribution of Library Science courses in the critical and political training of professionals to work in these spaces. The study is based on a theoretical framework on community libraries, the social function of Librarianship and public policies for books, reading and the library; and data collection on three community libraries in the city of São Paulo, located in peripheral regions marked by high levels of social vulnerability. Results confirm that community libraries arise from local needs resulting from the scarcity of cultural public policies, act in encouraging reading, in the development of communities and in democratizing access to information and culture. Stand out the importance of articulation in library networks, which give national and local scope to these initiatives. It is concluded that there is a need for a closer approximation of Library Science courses with this reality, becoming an opportunity to question and reflect on the training of librarians in addition to the technical and administrative aspects provided for in the curricular structures, in order to contribute to the training reader, critic and autonomous citizen. Finally, the need to intensify the debate about these devices is emphasized.

Keywords: Community Libraries; Public Policies for Libraries; Training of librarians.

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas exercem um importante papel no que se refere à democratização do acesso à informação e, conseqüentemente, à inclusão dos sujeitos na sociedade da informação. Além disso, são espaços estratégicos para o desenvolvimento e para o exercício da cidadania através da interação, do debate e da construção de saberes. No entanto, Sousa, Fujino e Silva (2018, p. 668) apontam que essa “contribuição depende da atuação dos profissionais bibliotecários em ações educativas direcionadas para qualificação da competência informacional dos usuários”.

Nesse contexto, a biblioteca pública, ou seja, criada e mantida pelo Estado, deveria ser o principal ponto de apoio para a sociedade ter acesso à informação e à leitura (MACHADO, 2010). A criação e as condições para a manutenção e o pleno funcionamento desses dispositivos são deveres do Estado, a quem compete a responsabilidade por definir as políticas públicas para bibliotecas – que, no Brasil, estão institucionalmente inseridas na área da Cultura.

Apesar dos esforços já empregados para a democratização do acesso à cultura, à leitura e ao livro, as políticas públicas para bibliotecas e as bibliotecas públicas ainda não alcançaram o impacto necessário no Brasil e, por isso, há um longo caminho a ser percorrido.

Nesse cenário, a biblioteca comunitária surge da “vontade, necessidade e trabalho de uma comunidade; ela emerge do esforço de pessoas que lutam juntas, tendo como principal objetivo realizar um trabalho baseado na proposta de transformar a realidade vigente” (BADKE, 1984 apud MACHADO, 2009, p. 82). Isso se dá por esses espaços estarem localizados, em sua maioria, em regiões periféricas e em localidades que não dispõem de equipamentos culturais ou cujo acesso a esses dispositivos é dificultado, seja pela distância, seja pela relação de vulnerabilidade.

As bibliotecas comunitárias não possuem vínculo direto com instituições governamentais e não contam com recursos financeiros públicos, sendo consideradas por diversos autores um empreendimento social de combate à exclusão informacional e uma forma de luta pela igualdade e pela justiça social. Assim, essas unidades de informação ocupam um lugar importante no dia a dia dos moradores desses territórios, pois são uma estratégia para a melhoria da qualidade de vida pensada a partir do acesso ao livro e à leitura. As bibliotecas comunitárias são dispositivos de informação que

possuem forte vínculo e dialogam constantemente com as comunidades nas quais estão inseridas, se colocando como espaços de mediação de leitura, de formação de leitores e de apropriação e resgate da identidade local.

Apesar disso, pesquisas sobre as bibliotecas comunitárias ainda são pouco recorrentes, principalmente se comparadas à diversidade de pesquisas sobre outros tipos de bibliotecas. Alves, Salcedo e Correia (2016) apontam que estudos críticos acerca desses dispositivos devem ser estimulados, buscando entender como esses espaços funcionam e o quanto eles contribuem para a educação e para a emancipação da comunidade. Complementarmente, Calil Junior *et al.* (2018, p. 46) ressaltam a relevância de pesquisas sobre esse tema no contexto brasileiro:

A articulação entre a produção dos saberes científicos e os processos de transformação social é capital em sociedades como a brasileira, na qual ainda se trabalha na construção das condições estruturantes para a emergência e manutenção de uma sociedade menos desigual e excludente.

Ainda, as bibliotecas comunitárias “constituem uma forma exemplar de dispositivo de acesso à informação, cultura e educação que fomentam e potencializam a cidadania e o desenvolvimento local” (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2016, p. 59). Nesse sentido, é importante que a classe bibliotecária esteja preparada para contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade leitora por meio de iniciativas comunitárias, e, nesse cenário, os cursos de Biblioteconomia têm papel-chave na formação de profissionais conscientes sobre suas funções política e social, conforme observado por Botelho (2012).

Nesse contexto, o artigo objetiva apresentar um panorama do trabalho desenvolvido nas bibliotecas comunitárias de São Paulo e propor reflexões sobre a participação de profissionais bibliotecários nesses espaços. Buscou-se conhecer a história da implantação desses dispositivos em seus territórios, verificar como essas bibliotecas atuam no incentivo à leitura e no desenvolvimento das comunidades, mapear quais são as estratégias adotadas no que se refere à ação cultural, à mediação de leitura e às atividades assistenciais para o público local e identificar quem são os atores e qual é o perfil da equipe e dos frequentadores desses espaços. Por fim, espera-se discutir qual é o papel dos bibliotecários na consolidação das bibliotecas comunitárias como dispositivos de informação e cultura e como os cursos de Biblioteconomia podem atuar na formação

crítica e política desses profissionais.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, fundamentada em duas etapas: pesquisa bibliográfica para composição do referencial teórico sobre políticas públicas e bibliotecas comunitárias, necessário para melhor compreensão conceitual sobre o tema; e estudo de caso em três bibliotecas comunitárias de São Paulo, que integram a Rede LiteraSampa – rede local de articulação de bibliotecas comunitárias, vinculada à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) – visando a caracterização desses dispositivos no contexto da discussão. São eles: Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, Biblioteca Comunitária Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves (EJAAC) e Biblioteca Comunitária de Heliópolis.

2 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A CULTURA, A LEITURA, O LIVRO E A BIBLIOTECA

O Estado deve oferecer condições e recursos para a criação, a manutenção e o pleno funcionamento das bibliotecas públicas, o que acontece por meio de políticas públicas. Como observado por Rosa e Odonne (2006, p. 185), “uma política pública reflete a vontade de diferentes setores da sociedade em avançar para uma determinada direção e representa uma articulação coerente de medidas para transformar uma situação”. Nesse sentido, as políticas públicas significam um avanço em relação aos problemas que existem e objetivam evitar que eles se tornem crônicos.

No Brasil, as bibliotecas são abordadas e estão inseridas nas políticas culturais, que se apresentam como um “conjunto de iniciativas, [...], visando promover a produção, a distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável” (COELHO, 1997, p. 192). Vale ressaltar que o direito à cultura está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Constituição Federal de 1988.

Machado (2010, p. 99) afirma que “o Ministério da Cultura (Minc) se apresenta como uma instituição pobre, com poucos recursos e uma diminuta estrutura organizacional, incompatível com as demandas [...] de um país permeado pela diversidade como é o Brasil”. Se historicamente a área da cultura enfrentou dificuldades administrativas no país, atualmente, com a extinção do Minc e com a transferência da Secretaria Especial da Cultura para o Ministério do Turismo, promovidas pelo governo

de Jair Bolsonaro em 2019, deparamo-nos com uma diminuição ainda maior da autonomia da política cultural no Brasil.

Como parte das políticas culturais, as bibliotecas públicas brasileiras também enfrentam diversos desafios. Segundo Paiva e Andrade (2014), os governos avançaram e recuaram no âmbito das políticas para o livro, a leitura e a biblioteca, o que faz com que esse campo não retroceda, mas se coloque em um ritmo lento em relação ao que deveria – e poderia – ser.

Oliveira (1994, p. 17) aponta que a questão da biblioteca pública foi ignorada durante muito tempo no Brasil, e que, somente a partir de 1937, com a criação do Instituto Nacional do Livro, ela passou a contar com respaldo oficial para empreender seu processo sistemático de desenvolvimento. Desde então, houve avanços nacionais e locais na elaboração e na implementação das políticas públicas para a leitura, o livro e a biblioteca. Nesse sentido, o autor observa que “o Estado ao assumir a responsabilidade pela leitura e a biblioteca como serviços públicos básicos, expandiu o número de bibliotecas públicas e de unidades disseminadoras de cultura no país” (OLIVEIRA, 1994, p. 188).

No entanto, deparamo-nos com algumas falhas nesse processo, que, de acordo com Machado (2010, p. 108), são as seguintes:

a desigualdade de poder e capacidade de influência entre os diferentes atores no processo de participação; a sobreposição que há entre algumas instituições [...]; o investimento em Pontos de Leitura deslocados das Bibliotecas Públicas; a inexistência de um plano de avaliação dos impactos dos investimentos previstos no Programa Mais Cultura; e, o que consideramos o mais grave: a falta de atenção para a formação de equipes capacitadas para atuar nesses espaços.

Além disso, Paiva e Andrade (2014, p. 106) afirmam que “prevaleceu a política do livro, e as políticas desviaram-se da primazia e centralidade das bibliotecas como condição para o acesso à leitura” e apontam a falta de continuidade dos programas e o objetivo, repetidamente, de implantar bibliotecas em todos os municípios brasileiros, o que mostra que essas políticas “não conseguiram prover o básico: tornar realidade as bibliotecas públicas em todo território” (PAIVA; ANDRADE, 2014, p. 104).

cada governo preferiu não [...] aprimorar o programa existente, mas fazer um ‘novo’, dar-lhe um novo nome, nomear outro diretor, sobrepondo objetivos e dispersando energia e recursos, além de desperdiçar todo o conhecimento acumulado, as relações estabelecidas,

as experiências que evitam a repetição dos erros (PAIVA; ANDRADE, 2014, p. 104).

Isso mostra que as políticas públicas estão intimamente ligadas ao governo vigente e que as políticas para bibliotecas no Brasil não avançarão, de fato, enquanto esses dispositivos não forem tratados e valorizados como espaços democráticos essenciais para o acesso à informação e à cultura. Suaiden (2018, p. 144) reforça que, “quando a instituição não faz parte da agenda governamental, isso indica que não haverá orçamento nem disponibilização de recursos financeiros para essas bibliotecas, pois não há visibilidade da importância dos seus serviços para a sociedade”.

Por fim, apesar de enxergar na educação intelectual uma possibilidade para melhores condições de vida e para ampliação de liberdades, Farias (2014, p. 249-250) ressalta a importância de pensarmos as políticas públicas de forma integrada:

não podemos atribuir e esperar da leitura, e da educação, numa abordagem mais ampla, a solução de todos os problemas sociais do país. As políticas públicas para a formação de leitores, para a manutenção e o fortalecimento de bibliotecas precisam estar inseridas em programas mais abrangentes, que tenham em seu bojo a resolução de problemas históricos brasileiros, em consonância com outras políticas sociais.

3 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Considera-se que a expansão das bibliotecas comunitárias visa suprir a fragilidade de ações do poder público quanto às políticas culturais e educacionais de estímulo à leitura e de acesso à informação, necessárias para a conquista da cidadania e para a garantia de direitos.

Para apresentar as bibliotecas comunitárias, é necessário entender qual lugar elas ocupam no debate epistemológico da Biblioteconomia e Ciência da informação. Alves, Salcedo e Correia (2016, p. 42), citando Araújo (2003), consideram dois momentos:

O primeiro alude às origens desse campo em que a informação era tratada de maneira mais tecnicista e informatizada tendo em vista que sofreu influência das ciências exatas e matemáticas. O segundo período pode ser caracterizado pela preocupação com os fluxos informacionais e suas formas de apropriação pelos indivíduos. [...] Com isso, abre-se uma nova perspectiva para o campo que começa a agregar em seu contexto áreas, disciplinas e espaços que não mais se vincule apenas as instâncias tradicionais de atuação, mas também novos espaços e agendas de pesquisa com preocupação na função social e emancipatória.

Outro ponto importante é compreender como os autores conceituam as bibliotecas comunitárias. O que, afinal, define dispositivos tão diversos? A própria literatura da área indica algumas dificuldades para conceituar essas bibliotecas. Machado (2009) e Almeida Júnior (2013) apontam que o termo biblioteca comunitária é, muitas vezes, confundido ou entendido como sinônimo de outros tipos de biblioteca, como a pública ou a popular, o que dificulta o consenso em sua definição. Todavia, “apesar da falta de um consenso amplo quanto à definição de bibliotecas populares e comunitárias, um item está sempre presente nas definições existentes: as classes populares” (ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 267).

O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) (2020) aponta que “o tipo de biblioteca é determinado pelas funções e serviços que oferece, pela comunidade que atende, e pelo seu vínculo institucional”. De acordo com esses critérios, define a biblioteca comunitária como um espaço de incentivo à leitura e de acesso ao livro, criado e mantido pela comunidade local sem vínculo direto com o Estado (SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2020).

Alves (2020, p. 9) aponta que as bibliotecas comunitárias são uma “alternativa à inexistência de espaços culturais nas regiões mais periféricas, e, na maioria das vezes, [...] uma forma de complementar ou até mesmo suprir o papel da biblioteca escolar e pública”. Elas surgem “como uma forma de aproximar as comunidades periféricas dos bens culturais, criando serviços que atingem diretamente a esta população” (ALVES, 2020, p. 2). Esses dispositivos se colocam como uma estratégia para enfrentar a realidade vigente, marcada pela negação de direitos e, nesse caso, pela dificuldade de acesso à cultura e à literatura.

Horta e Rocha (2017) apontam que as bibliotecas comunitárias dialogam com a cultura local e atuam de acordo com a comunidade na qual estão inseridas. Nesse sentido, apesar de os moradores de diversas regiões enfrentarem o mesmo problema – a carência de espaços públicos de acesso ao livro e à leitura –, a forma como cada biblioteca surge e se estabelece nas comunidades segue caminhos diferentes (MACHADO; VERGUEIRO, 2010a, p. 146). Sendo assim, é necessário “pensar a biblioteca comunitária individualmente, respeitando as características locais, suas diferenças regionais, sociais, econômicas e principalmente culturais” (MACHADO; VERGUEIRO, 2010a, p. 8).

A pesquisa *Bibliotecas comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores*

aponta que 86,7% das bibliotecas comunitárias estão localizadas em zonas periféricas, em territórios de ocupação, em favelas e em comunidades de áreas urbanas, 12,6% estão em zonas rurais e 7% são encontradas em área ribeirinha, locais que também enfrentam a carência de equipamentos culturais (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018).

Os usuários, aqui identificados como frequentadores, se caracterizam por grupos diversos, o que “se justifica pelo fato de que as bibliotecas comunitárias se mobilizam em um esforço conjunto para o atendimento das necessidades educacionais e culturais de toda a comunidade” (SILVA; CAVALCANTE; COSTA, 2018, p. 45). Fernandez, Machado e Rosa (2018, p. 124) apontam que as bibliotecas comunitárias incluem “grupos sociais cuja trajetória com a leitura está, muitas vezes, marcada pela frustração, pela falta de acesso e pelo sentimento de não-pertencimento”, empregando “estratégias que visam aproximar as pessoas – crianças, jovens, adultos e idosos – de livros”.

Além do atendimento ser voltado à população local, as bibliotecas comunitárias, muitas vezes, são criadas e mantidas pelas próprias camadas populares, sendo o vínculo com a comunidade uma característica marcante desses espaços. De acordo com Fernandez, Machado e Rosa (2018), 66,5% dessas bibliotecas foram criadas por coletivos, por grupos de pessoas do território e por movimentos sociais. Machado e Vergueiro (2010b) apontam que as bibliotecas comunitárias podem ser criadas por iniciativas individuais – por pessoas que têm o desejo de abrir sua casa ou sua biblioteca particular para a comunidade – ou coletivas – por agentes internos, como grupos de moradores e jovens organizados em movimentos sociais locais, ou externos à comunidade, como ONGs e outras instituições.

Por não contarem com políticas públicas específicas para a manutenção de seus espaços, as bibliotecas comunitárias buscam estabelecer relações, arrecadar recursos, negociar e se articular com outras instâncias da sociedade, como com moradores locais, com escolas e universidades, com ONGs, com igrejas, com empresas e com bancos. Também são práticas comuns de sustentabilidade desses dispositivos o recebimento de doações e a inscrição em editais de financiamento e em premiações para iniciativas com o mesmo fim (ALVES, 2020). Entretanto, essas alternativas não são estáveis, sendo um fator que deixa esses espaços muito vulneráveis.

Quanto às atividades desenvolvidas,

as BCs [bibliotecas comunitárias] prestam um serviço contínuo e intencionalmente planejado nos diferentes territórios onde se localizam.

[...] Há indicações, portanto, de uma rotina de trabalho que incide, regularmente, sobre a vida comunitária e que essas ações regulares visam promover aproximações com livros, com eventos de leitura e escrita (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018, p. 78).

Os serviços oferecidos nas bibliotecas comunitárias são diversos, sendo desenvolvidos conforme a demanda, a interação e a participação da comunidade. As atividades podem ter caráter cultural, educacional ou assistencial, sendo mais tradicionais – empréstimo de livros, pesquisa local, espaço para leitura e auxílio em pesquisas e em tarefas – ou mais diversificadas – mediações de leitura, contações de história, exposições de filmes, saraus, cursos, oficinas, palestras, atendimento médico e outras ações pertinentes à comunidade (SILVA; CAVALCANTE; COSTA, 2018).

Alves (2020, p. 9) indica que o acervo das bibliotecas comunitárias é “majoritariamente composto por livros literários, evidenciando o compromisso desses espaços com a formação de leitores e leitoras”. Fernandez, Machado e Rosa (2018, p. 43) apontam que os acervos também contam, mesmo que em menor quantidade, com “livros de história, artes, ciências sociais, obras de referência (dicionários, enciclopédias, atlas) e coleções de autores locais. Também possuem em seus acervos filmes e música, jogos, brinquedos e objetos históricos representativos da cultura local”.

As bibliotecas comunitárias, como “espaços de leitura que surgiram por iniciativa das comunidades e são gerenciados por elas” (ALVES, 2020, p. 8), têm suas equipes compostas principalmente por membros da comunidade, o que vale tanto para gestores quanto para mediadores e para facilitadores. São pessoas que,

apesar de na maioria das vezes não terem formação específica em Biblioteconomia, possuem outros valores e habilidades que são fundamentais para sua atuação, como serem leitoras, ter formação política, amor à comunidade e aos livros e empatia com os usuários (BASTOS; GALLI; ROMÃO, 2013 apud ALVES, 2020, p. 10).

3.1 ARTICULAÇÃO EM REDES DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Observando o potencial político e social das bibliotecas comunitárias, bem como as dificuldades que enfrentam para manter seus espaços e suas atividades, destacamos a necessidade do fortalecimento dessas iniciativas através de articulações entre as próprias bibliotecas. Nesse sentido, em 2015 foi criada a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, com o intuito de dar amplitude nacional à organização das bibliotecas

comunitárias em redes locais e ser referência na disseminação de conhecimentos que fundamentem a atuação desses coletivos. A RNBC visa contribuir para que essas bibliotecas atuem na garantia do direito à leitura e na disseminação do conhecimento e da cultura, a fim de que a sociedade civil e o poder público as reconheçam como espaços de desenvolvimento humano (REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, 2020).

Uma das redes locais que integra a RNBC é a Rede LiteraSampa, criada em 2010 a partir da união de organizações sociais dos municípios de São Paulo, de Mauá e de Guarulhos, que se propõe, por meio da gestão compartilhada, a desenvolver ações de promoção da leitura com o objetivo de fortalecer, qualificar e disseminar as práticas desenvolvidas pela Rede, contribuindo para a construção de políticas públicas para o livro e para a leitura e desenvolvendo estratégias de sustentabilidade política, financeira e técnica para as bibliotecas integrantes.

3.2 FUNÇÃO SOCIAL DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

As bibliotecas comunitárias enfrentam diversos desafios para se manterem em funcionamento e “carecem de recursos e de projetos que possam levar seus usuários a ocuparem espaços na sociedade de modo igualitário” (CAVALCANTE; FEITOSA, 2011, p. 125). Apesar disso, realizam um importante trabalho nos territórios que ocupam, cumprindo seu “papel com relação ao desenvolvimento do pensamento crítico e da evidência de esforços coletivos para ampliar os espaços de direito e de articulação locais” (CAVALCANTE; FEITOSA, 2011, p. 125). Almeida e Machado (2006, p. 20, grifo do autor) identificam os fatores de sucesso dessas bibliotecas como sendo os seguintes:

o **comprometimento** com o projeto, a ponto de transformarem em uma causa o objetivo de incentivar a leitura e dar acesso à informação; em decorrência desse comprometimento, a **consciência** crítica e política de seu papel por parte das lideranças que se foram formando; o **conhecimento** do potencial transformador do projeto e a importância da **participação** e do **envolvimento** da comunidade; a importância da negociação, seja ela com os moradores, com o poder público (escola, órgãos de segurança pública etc) ou com parceiros da iniciativa privada ou do terceiro setor. Esses fatores contribuem para reforçar o sentido de **pertencimento** à comunidade, que, para eles, é completamente natural.

Por fim, cabe citar Flusser (1980) que, ao descrever uma biblioteca verdadeiramente pública – ou biblioteca ação cultural –, remete-nos às características da

biblioteca comunitária. O autor aponta que essa biblioteca deve voltar-se ao não público, ou seja, àquele que é marginalizado e excluído pelas políticas culturais. Além disso, essa biblioteca surge de um processo de emergência cultural; trata-se de um equipamento da comunidade. O bibliotecário, ou mediador quando falamos de bibliotecas comunitárias, faz parte da comunidade e, junto com ela, constrói a biblioteca, desenvolvendo sua função de maneira política. Dessa maneira, a biblioteca ação cultural realiza atividades que possibilitam o acesso a uma herança cultural. A comunidade, ao se apropriar dessa herança, passa a ter e a escrever sua própria palavra. Sendo assim, podemos inferir que as bibliotecas comunitárias exercem uma função verdadeiramente pública na sociedade.

4 FUNÇÃO SOCIAL DOS PROFISSIONAS BIBLIOTECÁRIOS E ATUAÇÃO DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA

Na biblioteca proposta por Flusser (1980) – que se coloca como um espaço de diálogo – “um novo bibliotecário deveria surgir para se tornar o agente catalisador desse diálogo cultural, diálogo-ação, ação-cultural” (FLUSSER, 1982, p. 230). Para isso, é preciso discutir a formação deste novo bibliotecário, debate esse que se mantém pertinente no contexto atual. “Assim, estudantes e novos bibliotecários, pesquisando, analisando e confrontando constantemente teoria de biblioteconomia e prática de terreno, inventarão e formarão uma nova biblioteca” (FLUSSER, 1982, p. 232).

Nesse contexto, considerando que as bibliotecas exercem um importante papel na inclusão dos sujeitos na sociedade da informação – marcada pelo advento e popularização das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) – e que as bibliotecas públicas ainda não alcançaram o impacto necessário no Brasil, constata-se que o acesso à informação através das bibliotecas e dos aparelhos culturais é escasso, principalmente nas regiões periféricas, e a sociedade da informação pode-se apresentar, para essas comunidades, como mais um tipo de exclusão. Nesse sentido, é preciso que a Biblioteconomia se adeque às demandas da sociedade da informação, ressignificando a profissão para uma atuação mais consciente de sua função social (BOTELHO, 2012).

Considerando que os bibliotecários têm grande potencial para atuar na formação de leitores, na mediação de leitura e na qualificação das competências informacionais dos usuários, a participação desses profissionais nas bibliotecas comunitárias é importante para a consolidação desses dispositivos como espaços de informação e cultura. É imprescindível estimular o diálogo entre biblioteca, informação e sociedade,

tendo em vista a garantia de direitos através da cultura e da literatura. Entretanto, “há, nas camadas econômicas mais baixas da sociedade, uma forte ausência de ações de democratização da informação realizadas por profissionais da área de Biblioteconomia” (BOTELHO, 2012, p. 62).

Sendo assim, e considerando o bibliotecário um mediador cultural, exige-se uma formação humanística porque a mediação cultural é um ato complexo e está implicada em relações e interações socioculturais e de superação de obstáculos à apropriação cultural. Por outro lado, para que atue como mediador cultural é requerido que o bibliotecário conheça e elabore métodos, técnicas e ferramentas nos contextos culturais, e de “diferenças”, junto aos sujeitos e públicos que se vinculam, com o subsídio de uma formação técnica (LIMA; PERROTTI, 2017).

Diante disto, Botelho (2012, p.59) observa que “o fortalecimento da classe bibliotecária através [...] de seus cursos de graduação e pós-graduação pode conduzir a mudança de comportamento nos profissionais no sentido de um maior envolvimento com as questões sociais”. Complementarmente, Lima e Galindo (2018) apontam que os cursos de Biblioteconomia devem abordar a formação crítica do bibliotecário, visando que esse profissional atue, de fato, como mediador da informação.

No entanto, Silva e Silva (2010 apud LIMA; GALINDO, 2018, p 4177) aponta que “a Biblioteconomia ainda apresenta uma formação curricular em que existe a ‘valorização das questões administrativas e técnicas em detrimento das potencialidades sociais, o que indica uma Biblioteconomia despolitizada em seu processo de formação’”. Nesse sentido, ressaltamos a relevância de mais discussões, reflexões e estudos sobre a inclusão informacional, as políticas públicas de leitura, as bibliotecas comunitárias e o papel do bibliotecário frente a esses temas. Aqui, cabe citar Cavalcante e Feitosa (2011, p. 129) que, além da formação acadêmica e intelectual, ressaltam “a importância do trabalho comunitário para a formação profissional dos futuros bibliotecários e a necessária preocupação com a responsabilidade social” da profissão, ampliando as relações entre ensino, pesquisa e extensão.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo como base a bibliografia consultada a respeito das bibliotecas

comunitárias e das políticas públicas para a cultura, a leitura, o livro e a biblioteca, o estudo buscou levantar informações sobre três bibliotecas comunitárias da cidade de São Paulo, integrantes da Rede LiteraSampa, todas localizadas na zona sul, distantes do centro e em regiões periféricas marcadas por altos índices de vulnerabilidade social: Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, Biblioteca Comunitária Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves e Biblioteca Comunitária de Heliópolis.

Kauark, Manhães e Medeiros (2010) apontam que existem diversos instrumentos, técnicas e procedimentos de coleta de dados, que podem variar conforme o tipo de pesquisa, os sujeitos da pesquisa e a intenção da investigação.

Na primeira etapa da coleta de dados, utilizamos como fonte de pesquisa a *internet*, por meio do acesso às redes sociais, aos *sites* e aos *blogs* das bibliotecas comunitárias, além de artigos e reportagens publicadas sobre esses espaços. Esta etapa teve como objetivo levantar informações iniciais sobre as bibliotecas, como localização, ano de criação, composição do acervo e serviços prestados à comunidade. Este levantamento permitiu a primeira reflexão acerca desses espaços, como subsídio para a elaboração do roteiro de entrevista.

A segunda etapa foi a realização das entrevistas com gestores e mediadores de leitura das três bibliotecas comunitárias de São Paulo, entre os meses de outubro e novembro de 2020. As entrevistas foram realizadas *on-line* por meio da plataforma *Google Meet*, em respeito às medidas de isolamento social, devido à pandemia de Covid-19 que se estendeu ao longo do ano de 2020.

O roteiro de entrevista foi elaborado após o levantamento dos dados obtidos pelas pesquisas na *internet*, com o intuito de aprofundar as informações obtidas na 1ª. Etapa da pesquisa. A primeira parte da entrevista teve como objetivo traçar o perfil dos entrevistados e abrangeu questões sobre identificação pessoal, formação e atuação na biblioteca comunitária. Já a segunda parte incluiu perguntas relativas às bibliotecas comunitárias, buscando aprofundar a compreensão do histórico de criação, das principais características e da atuação dessas bibliotecas em seus territórios. A última pergunta foi reservada como um espaço livre para as considerações finais dos gestores e mediadores entrevistados.

6 COLETA DE DADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Considerando as diferenças contextuais na criação e no desenvolvimento das bibliotecas comunitárias, a pesquisa apresenta quadros comparativos dos resultados obtidos na coleta de dados, a fim de relacioná-los com o referencial teórico.

Partindo do princípio de que essas bibliotecas não se distribuem de forma aleatória, mas em função de uma série de correlações entre um conjunto de variáveis (FERREIRA, 2018 apud FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018), é preciso identificar e analisar a localização e o território, o histórico de criação, a missão e os objetivos, o espaço físico e o acervo, os serviços prestados à comunidade, o perfil dos frequentadores, a participação em redes e associações e as alternativas de sustentabilidade financeira dessas bibliotecas associadamente, traçando um panorama desses dispositivos.

O Quadro 1 traz informações relativas à localização das bibliotecas comunitárias. O trabalho realizado por essas bibliotecas é contínuo e intencionalmente planejado nos diferentes territórios onde se estabelecem, em função disso, entendemos que a contextualização desses territórios é essencial para a compreensão dos demais dados apresentados neste trabalho.

Quadro 1 - Localização das bibliotecas comunitárias

	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura	Biblioteca Comunitária EJAAC	Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Endereço	Rua Sachio Nakao, 28, Colônia Paulista, Parelheiros, São Paulo - SP	Rua Achaira, 12B, sala 3, Chácara Santa Maria, São Paulo - SP	Rua da Mina, 372, Heliópolis, São Paulo - SP
Território	Extremo Sul da cidade de São Paulo, possui maior área verde por habitante, altos índices de vulnerabilidade social e segundo pior IDH da cidade. Os equipamentos culturais e educacionais são escassos.	Bairro na divisa com Itapeverica da Serra, na região Sul de São Paulo. Marcado pela construção em terrenos em áreas de risco. O distrito possui a maior presença de população preta e parda e a menor expectativa de vida da cidade e não conta com biblioteca pública municipal.	Região Sul de São Paulo, possui 1 milhão de m ² e 200 mil habitantes; é a maior favela da cidade. Possui altos índices de vulnerabilidade social e conta com somente uma biblioteca de CEU, com apenas 5,3 mil itens no acervo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

As três bibliotecas comunitárias estão na Zona Sul de São Paulo. Elas se estabeleceram em regiões periféricas, distantes do centro e marcadas por altos índices

de vulnerabilidade social. São locais que, muitas vezes, não possuem bibliotecas ou outros equipamentos culturais; nesse contexto, as bibliotecas comunitárias foram criadas para suprir essa demanda. Além disso, pode-se inferir que as potências e as deficiências de cada território são pontos de partida para o planejamento das atividades e dos projetos desenvolvidos nesses espaços. Como resultado, as bibliotecas comunitárias fortalecem as riquezas culturais locais e a identidade da comunidade.

O Quadro 2 apresenta o histórico de criação das bibliotecas. A formação desses espaços se relaciona com o território – já que surgem das necessidades dessas regiões – e com a comunidade, que, nos três casos estudados, reivindicou e construiu esses espaços.

Quadro 2 - Histórico de criação das bibliotecas comunitárias

	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura	Biblioteca Comunitária EJAAC	Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Ano de criação	2009	Criação: 1996 Reabertura: 2008	2005
Responsáveis pela criação	Iniciativa coletiva; agentes internos à comunidade; jovens.	Iniciativa coletiva; agentes internos à comunidade; jovens.	Iniciativa coletiva; articulação de agentes externos e da comunidade local.
Motivo da criação	Necessidade de a comunidade possuir um espaço cultural na região.	Necessidade de a comunidade possuir um espaço cultural, de lazer e de formação de lideranças na região.	Necessidade de a comunidade possuir uma biblioteca na região; iniciativa do projeto Identidade Cultural de Heliópolis.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A Biblioteca Comunitária EJAAC foi a primeira, dentre as três, a ser fundada, ainda no século XX. Apesar disso, ficou fechada durante oito anos e foi reaberta em 2008, data próxima à inauguração das bibliotecas Caminhos da Leitura e de Heliópolis. Informações sobre data de criação se configuram significativas, pois, segundo Fernandez, Machado e Rosa (2018, p. 25), tais dados podem apontar

uma correlação entre o incremento de bibliotecas comunitárias no país e os programas governamentais da área do livro, leitura e bibliotecas iniciados a partir de 2001, a exemplo do Programa Fome de Livro, de 2005; do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), em 2006; e do Programa Mais Cultura, de 2007, por meio do Concurso Pontos de Leitura 2008 – Edição Machado de Assis.

De acordo com a classificação de Machado e Vergueiro (2010b), constatou-se que as três bibliotecas estudadas são fruto de iniciativas coletivas. As bibliotecas Caminhos da Leitura e EJAAC foram criadas por agentes da própria comunidade, enquanto a Biblioteca Comunitária de Heliópolis surgiu da articulação entre agentes locais e externos. Em todos os casos, o território enfrentava a carência de espaços de lazer, de cultura e de leitura, e, diante disso, um grupo de moradores desenvolveu o projeto de uma biblioteca comunitária para suprir falhas nas políticas públicas culturais. Confirmando o que foi apontado por Alves (2020), esses dispositivos são uma forma de aproximar as comunidades periféricas dos bens culturais por meio de serviços que atingem diretamente a população local.

O Quadro 3 retrata a atuação das três bibliotecas segundo a missão e os objetivos, as atividades desenvolvidas, os serviços prestados, o acervo e o perfil dos frequentadores. É válido ressaltar que, como as bibliotecas comunitárias são criadas pela e para a comunidade local, as suas ações devem dialogar com o território e com os frequentadores desses espaços.

Quadro 3 - Atuação das bibliotecas comunitárias

	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura	Biblioteca Comunitária EJAAC	Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Missão e objetivo	Missão: “promover o acesso à leitura literária por meio de ações que incentivem a formação crítica dos leitores, utilizando várias formas de linguagens sociais e culturais”. (BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CAMINHOS DA LEITURA, 2020) Objetivo: desenvolver projetos permeados pela literatura, a fim de disseminar a leitura na região.	Missão: ser um espaço de vida, de circulação de pessoas e de acesso a outras culturas que extrapolam a literatura. Objetivo: incentivar a leitura e a fruição cultural, colocando-se como um local acolhedor para todos, o qual a comunidade pode frequentar e onde pode fazer trocas.	Missão UNAS: “contribuir para transformar Heliópolis e região num bairro educador [...]”. (UNIÃO DE NÚCLEOS, ASSOCIAÇÕES DOS MORADORES DE HELIÓPOLIS E REGIÃO, 2020) Objetivo: inclusão social por meio do acesso à informação e do desenvolvimento sociocultural da comunidade, com foco na formação de leitores.
Atividades e serviços	Empréstimo; mediação de leitura; contação de histórias; jogos e gincanas literárias; rodas de conversa; encontros com autores;	Empréstimo; mediação de leitura; contação de histórias; saraus; aulas de música, de violão e de pífano; bate-papo com autores; eventos de	Empréstimo; mediação de leitura; contação de histórias; saraus poéticos; aulas de dança e de teatro; acesso gratuito à

	visita ao Cemitério do Colônia; saraus temáticos. Participação em projetos do Ibeac.	partilha comunitária e de divulgação de atividades culturais na região; grupo de Folia de Reis.	internet e a oficinas.
Acervo	Mais de 4 mil obras, entre literatura infantil, juvenil e adulta, romance, terror, ficção, poesia e crônicas.	Livros literários e nas mais diversas áreas do conhecimento, além de audiovisuais, de gibis, de mangás e de história em quadrinhos.	13 mil livros voltados para a literatura e para a pesquisa.
Frequentedores	Maior parte dos frequentadores são crianças e jovens.	Maior parte dos frequentadores são crianças e jovens.	Maior parte dos frequentadores são crianças e jovens.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Ao analisarmos a missão e os objetivos das bibliotecas, constatamos que o foco é a formação de leitores. Além disso, esses espaços atuam na valorização da cultura na comunidade, abordando outras linguagens artísticas que não só a literatura. Nesse sentido, ressaltamos o esforço das bibliotecas comunitárias em ampliar os espaços de direito e de articulação locais, cumprindo um importante papel no desenvolvimento do pensamento crítico, conforme observam Cavalcante e Feitosa (2011).

Quanto às atividades, as três bibliotecas realizam empréstimos, mediação de leitura, contação de histórias e saraus. Outras atividades comuns são os encontros e as conversas com autores e o oferecimento de cursos e de oficinas de música, de teatro e de dança. Destacam-se as ações de caráter cultural e educacional, que visam promover aproximações com livros e com eventos de leitura e de escrita (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018). As ações assistenciais também ganham destaque, uma vez que são uma forma de as bibliotecas comunitárias dialogarem com as necessidades do território, além de contribuírem para que esses espaços e seus integrantes atuem como agentes de transformação nas comunidades.

Os acervos, conforme apontado por Alves (2020), são principalmente compostos por livros literários, indicando o compromisso das bibliotecas comunitárias com a formação de leitores. Destacamos o acervo da Biblioteca Comunitária de Heliópolis, que, atualmente, possui cerca de 13 mil obras voltadas para a literatura e para a pesquisa – quase três vezes mais que o acervo da biblioteca do CEU Heliópolis. Ressaltamos também o acervo da EJAAC, que se destaca pela grande quantidade de audiovisuais, de mangás e de histórias em quadrinhos.

O Quadro 4 traz as estratégias empregadas pelas bibliotecas comunitárias para se

manterem em funcionamento, que vão desde a captação de recursos até o estabelecimento de parcerias. Também aborda a articulação em redes de bibliotecas, com foco na Rede LiteraSampa.

Quadro 4 - Sustentabilidade financeira e parcerias

	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura	Biblioteca Comunitária EJAAC	Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Sustentabilidade político-financeira	Leis de incentivo, premiações e apoio de empresas.	Repasse financeiro e assessoria técnica da Rede LiteraSampa, leis de incentivo e premiações.	Criação contou com parcerias de personalidades, de profissionais e de empresas. Atualmente, recebe apoio da UNAS, de leis de incentivo e auxílio financeiro e formações da Rede LiteraSampa.
Participação em redes e em associações	Rede LiteraSampa/ RNBC; Ibeac; participação indireta em diversas iniciativas locais.	Rede LiteraSampa/ RNBC; Associação Amigos do Bairro Chácara Santa Maria; representação no Conselho do PMLLB; Fórum de Culturas das Zonas Sul e Sudeste; Movimento Cultural das Periferias.	Rede LiteraSampa/ RNBC; UNAS.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

As bibliotecas comunitárias não contam com uma fonte de renda fixa, o que gera grande instabilidade nesses espaços, que têm o funcionamento constantemente ameaçado pela falta de recursos. A biblioteca Caminhos da Leitura, por exemplo, perdeu seu espaço inicial, em uma Unidade Básica de Saúde, e conseguiu se estabelecer no Cemitério do Colônia por meio de parcerias com o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac) e com a Associação Cemitério dos Protestantes (Acempro). A Biblioteca EJAAC também perdeu sua sede – duas vezes –, além de permanecer fechada por oito anos devido à falta de apoio e de recursos. Para se reestabelecer, passou a se inscrever em editais de financiamento e de leis de incentivo e, hoje, conta com a parceria da Associação Amigos do Bairro Chácara Santa Maria. Por outro lado, a Biblioteca de Heliópolis percorreu um caminho um pouco mais estável, já que integra o Projeto Identidade Cultural de Heliópolis, da União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS) em parceria com o arquiteto Ruy Ohtake. Apesar disso,

também precisa recorrer a editais e a outros apoios para se manter.

As trajetórias das três bibliotecas reforçam a participação desses dispositivos em programas de apoio a iniciativas culturais, destacando-se o VAI e o Pro-Mac, ambos da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Esses dados indicam que, embora essas ações sejam financiadas pelo dinheiro público, não há participação efetiva do Estado. Além disso, a articulação com associações e com movimentos locais contribui não só para a sustentabilidade financeira, mas principalmente para a sustentabilidade política desses espaços, que precisam estabelecer-se e manter-se no território.

Nesta pesquisa, selecionamos bibliotecas integrantes da Rede LiteraSampa, rede local que compõe a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, com o intuito de entender como esses espaços se articulam entre si. Após examinarmos os dados referentes às três bibliotecas estudadas, confirmamos a importância da articulação em redes de bibliotecas, que contribuem para o desenvolvimento e potencializam a capacidade de atendimento das bibliotecas comunitárias à comunidade. Além do suporte financeiro que essas redes disponibilizam, são proporcionadas formações, encontros e assessoria técnica, que auxiliam as bibliotecas comunitárias no desenvolvimento do acervo, no planejamento de projetos, na formação de mediadores de leitura e na incidência em políticas públicas.

O Quadro 5 esboça o perfil dos entrevistados – que foram identificados pelas iniciais de seus nomes – com foco na formação profissional e na atuação desses integrantes nas bibliotecas comunitárias.

Quadro 5: Os entrevistados

	R.S	J.P	D.M	M.O	A.F
Idade	28 anos	46 anos	31 anos	33 anos	Não informou
Formação	Curso técnico - Biblioteconomia Cursando ensino superior - Biblioteconomia	Ensino superior completo - Design Gráfico	Ensino superior completo - Gestão Ambiental	Ensino superior completo - Ciências Contábeis	Ensino superior completo - Direito
Biblioteca comunitária	Caminhos da Leitura	EJAAC	EJAAC	EJAAC	Heliópolis

Cargo que ocupa	Integra a equipe gestora e atua com a bibliotecária.	Integrante da equipe gestora e mediador de leitura.	Coordenador de atividades e mediadora de leitura.	Integrante do conselho gestor e mediador de leitura.	Coordenador da biblioteca e mediadora de leitura.
Atividades que realiza	Gestão do espaço, atendimento ao público, empréstimo e gerenciamento técnico.	Gestão da biblioteca, mediação de leitura.	Coordenação das contações de história e dos cursos e mediação de leitura.	Mediação de leitura e decisões no conselho gestor.	Coordenação da biblioteca, mediação de leitura e atendimento à comunidade.
Há quanto tempo atua na BC	11 anos - fundador	24 anos - fundador	12 anos - atuou na reinauguração	12 anos - atuou na reinauguração	10 anos

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Os entrevistados têm, em média, 30 anos de idade, sendo que dois deles foram responsáveis pela fundação da biblioteca em que atuam, ainda quando jovens, e outros dois atuaram na reinauguração da biblioteca comunitária, também durante a juventude. Posto isso, ressaltamos o vínculo desses integrantes com a comunidade e com a biblioteca, conforme colocado por Fernandez, Machado e Rosa (2018).

Quanto ao nível de escolaridade, quatro entrevistados possuem ensino superior completo em diferentes áreas e um, ensino técnico; este, inclusive, está cursando graduação em Biblioteconomia e é o único a possuir formação na área. Retomando o que foi apontado por Alves (2020), apesar de grande parte dos entrevistados não terem formação específica em Biblioteconomia, possuem outros valores e habilidades importantes para a atuação nas bibliotecas comunitárias. Por outro lado, conforme apontado por Botelho (2012, p. 62) “isto reflete o quanto a classe bibliotecária está distante destas iniciativas comunitárias”.

Apesar de, majoritariamente, ocuparem cargos na gestão e serem mediadores de leitura, os entrevistados exercem funções variadas, de acordo com as necessidades de cada biblioteca. Fica explícito que a atuação é ampla e excede o ambiente e os fazeres clássicos das bibliotecas – o atendimento à comunidade e a formação de leitores ganham um destaque maior na rotina desses espaços. Além disso, observamos que, muitas vezes, a gestão e os processos decisórios dessas bibliotecas são compartilhados, o que nos

remete a Machado e Vergueiro (2010a), que afirmam que quanto mais participativa é a gestão da biblioteca comunitária, mais chances ela tem de se concretizar como um espaço estratégico para a implantação de políticas de integração social.

Apesar das diferenças contextuais existentes entre as bibliotecas comunitárias, esses espaços compartilham algumas semelhanças no que diz respeito ao motivo de criação, aos agentes, aos objetivos, às atividades realizadas e às dificuldades políticas e econômicas que enfrentam para se manter. Nesse sentido, a articulação entre bibliotecas se coloca como um importante instrumento para o fortalecimento dessas iniciativas.

Outro ponto importante abordado nas entrevistas foi a necessidade de ampliarmos o diálogo sobre as bibliotecas comunitárias no campo da Biblioteconomia. O entrevistado J.P apontou a necessidade de as universidades se debruçarem sobre o universo dessas bibliotecas, entendendo-as como um importante instrumento popular de alcance da leitura e da literatura nas comunidades. Indicou também a necessidade de os bibliotecários se interessarem em atuar e em pesquisar sobre as bibliotecas comunitárias. Como estudante da área, R.F ressaltou a importância de os bibliotecários conhecerem a fundo a área das bibliotecas comunitárias, de realizarem visitas técnicas e de atuarem nesses espaços, enxergando a amplitude tanto das bibliotecas comunitárias, quanto do fazer biblioteconômico. O entrevistado também apontou a necessidade do diálogo sobre as bibliotecas comunitárias nos campos da Biblioteconomia e da política, a fim de estabilizar esses dispositivos como parte das políticas públicas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo elaborar um panorama do trabalho desenvolvido nas bibliotecas comunitárias de São Paulo, estimulando o debate acerca do papel dos profissionais bibliotecários e dos cursos de Biblioteconomia na consolidação desses dispositivos como espaços de informação e cultura.

Com os resultados obtidos, é possível afirmar que as bibliotecas comunitárias resistem ao descaso do poder público e da sociedade civil quanto à disseminação e à produção da cultura nas regiões periféricas. Em diferentes contextos e seguindo caminhos distintos, esses dispositivos trabalham no fortalecimento da identidade e no reconhecimento da cultura local em territórios de vulnerabilidade. A pesquisa confirma que as três bibliotecas comunitárias foram criadas pela e para a comunidade local, com o

objetivo de aproximar essas comunidades dos bens culturais através de serviços que atingem diretamente a população local e que se desenvolvem sob os pilares da mediação de leitura, da ação cultural e de práticas assistenciais.

O estudo das bibliotecas selecionadas possibilitou constatar que os aspectos humanos fazem das bibliotecas comunitárias espaços únicos e efetivos de formação de leitores, de partilha de saberes e de transformação social. Sendo assim, as entrevistas com os agentes dessas bibliotecas foram de grande importância para a realização da pesquisa, pois possibilitaram a compreensão não apenas dos aspectos administrativos, mas também do significado desses dispositivos para a comunidade. Constatou-se também que os gestores e mediadores de leitura das bibliotecas possuem forte vínculo com o território e com as iniciativas comunitárias e compreendem as necessidades da comunidade, que são valores e habilidades fundamentais para a atuação nesses espaços.

Cabe ressaltar que, dentre os entrevistados, apenas um possui formação em Biblioteconomia. Assim, a pesquisa alerta para a importância de maior aproximação dos cursos de Biblioteconomia com esta realidade, se configurando como uma oportunidade para questionar e refletir sobre a formação dos bibliotecários para além dos aspectos técnico-administrativos previstos nas estruturas curriculares. Em época marcada pelos desafios da inclusão digital, os bibliotecários precisam estar preparados para contribuir para a formação leitora, crítica e autônoma do cidadão, e o melhor instrumento, como citado por Paulo Freire (1989), é a leitura como ato transformador, que possibilita a compreensão da realidade vivida no cotidiano dessas comunidades.

Os cursos de Biblioteconomia têm papel-chave na formação de profissionais críticos e conscientes do papel social da profissão, nesse sentido, sugere-se que os currículos valorizarem aspectos sociais e viabilizem espaços para que os alunos conheçam tais bibliotecas. Considerando a importância da relação entre ensino, pesquisa e extensão, ressalta-se que as bibliotecas comunitárias são espaços ricos para o desenvolvimento da prática profissional dos bibliotecários, e nesse sentido, além de promover debates sobre o tema, os cursos de Biblioteconomia podem estimular o desenvolvimento de atividades de estágio e a realização de visitas técnicas nesses dispositivos, além da organização de eventos que integrem o debate que é feito na universidade com o trabalho desenvolvido nas bibliotecas comunitárias.

Outro aspecto importante é a constatação da falta de apoio do Estado, que obriga os gestores dessas bibliotecas a recorrerem a parcerias e editais de financiamento para

manterem tais espaços em funcionamento. Nesse sentido, a pesquisa também revela a importância da participação em redes de bibliotecas, como a RNBC e a Rede LiteraSampa, que oferecem apoio técnico-financeiro e dão amplitude nacional e local às bibliotecas comunitárias.

Por fim, reitera-se que as bibliotecas comunitárias se colocam como importantes iniciativas locais que atuam na democratização do acesso à informação, à cultura e à educação, fazendo valer direitos que são negados à grande parte da população pelo poder público. Sendo assim, é necessário continuar e intensificar o debate acerca desses dispositivos, como apontaram os próprios gestores e mediadores das bibliotecas comunitárias durante as entrevistas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca pública**: avaliação de serviços. Londrina: Eduel, 2013. 296 p. Disponível em: http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/biblioteca%20publica_digital.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.

ALVES, Mariana de Souza. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e políticas. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 16, p. 1-29, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/135660>. Acesso em: 09 out. 2020.

ALVES, Mariana de Souza; SALCEDO, Diego Andres; CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho. Um mapeamento da produção científica sobre Bibliotecas Comunitárias na Ciência da Informação brasileira. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, n. 2, p. 40-66, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/107260>. Acesso em: 7 out. 2020.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa; MACHADO, Elis Campos. Bibliotecas comunitárias em pauta. *In*: ENCONTROS COM A BIBLIOTECA, 2006, São Paulo. **Bibliotecas comunitárias e populares**: diálogo com a universidade, São Paulo: Itaú Cultural, 2006. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/001590161.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CAMINHOS DA LEITURA. **Sobre**: missão. São Paulo, 2020. Facebook: @bccaminhosdaleitura. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/bccaminhosdaleitura/about/?ref=page_internal. Acesso em: 01 dez. 2020.

BOTELHO, Cristian do Nascimento. A formação do bibliotecário e as bibliotecas comunitárias. **Informe: Estudos em Biblioteconomia e Gestão da Informação**, Recife, v. 1, n. 1, p. 50-64, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INF/article/view/43/81>. Acesso em: 7 out. 2020.

CALIL JUNIOR, Alberto *et al.* Bibliotecas comunitárias: entre saberes e fazeres. **Raízes e Rumos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 43-55, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/raizeserumos/article/view/7816/7232>. Acesso em: 20 out. 2020.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; FEITOSA, Luiz Tadeu. Bibliotecas comunitárias: mediações,

sociabilidades e cidadania. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 1, 2011, Rio de Janeiro, p. 121-130. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3292/2908>. Acesso em: 16 out. 2020.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. 384 p. Disponível em: <https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Coelho-Dicionario-critico-de-politica-cultural.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FARIAS, Fabíola. A biblioteca pública e seu projeto político: entre a conformação e o pensamento. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. espec., p. 242-253, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000500018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 nov. 2020.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF; Brasil: RNBC, 2018. 170 p. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/167.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002888/6b09159904f41103e336d7dcf4c01693>. Acesso em: 06 nov. 2020.

FLUSSER, Victor. O bibliotecário animador: considerações sobre sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 1982. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76090>. Acesso em: 19 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HORTA, Nicole Marinho; ROCHA, Felipe Santiago Flores. Bibliotecas comunitárias: organização sociocultural e instrumento para a democratização do acesso à informação e para a valorização cultural. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 1781-1797, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3848>. Acesso em: 03 nov. 2020.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia de pesquisa**: um guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88 p.

LIMA, Arabelly Karla Ascoli de; GALINDO, Marcos Lima. Tempos de censura: reflexões sobre o posicionamento crítico e político do bibliotecário. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, [2017]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103057>. Acesso em: 19 mar. 2021.

LIMA, Celly de Britto; PERROTTI, Edmir. O bibliotecário como mediador cultural. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, [2017]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105214>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 80-94, ago. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MACHADO, Elisa Campos. Análise de políticas públicas para bibliotecas no Brasil. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 1, p. 94-111, jul. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42307>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. **CRB8 Digital**, v. 3, n. 1, p. 3-11, ago. 2010a. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9501>. Acesso em: 3 jul. 2020.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Bibliotecas comunitárias em Brasil: donde están, por qué y como fueron creadas. **Ibersid**, v. 4, p. 145-151, 2010b. Disponível em: <https://www.iversid.eu/ojs/index.php/iversid/article/view/3809/3573>. Acesso em: 07 set. 2020.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **A biblioteca fora do tempo: políticas governamentais de bibliotecas públicas no Brasil, 1937-1994**. 1994. 221 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1437>. Acesso em: 01 jul. 2020.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de; ANDRADE, Maria Eugênia Albino. Biblioteca pública no Brasil: políticas federais de 1990-2006. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. spe., p. 95-114, dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000500009&lang=pt. Acesso em: 18 jul. 2020.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **A RNBC**. 2020. Disponível em: <https://rnbc.org.br/a-rnbc/>. Acesso em: 28 out. 2020.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652006000300017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2020.

SILVA, Ana Pricila Celedonio da; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; COSTA, Maria de Fátima Oliveira. O diálogo entre biblioteca e comunidade: um estudo de caso acerca do perfil e das percepções dos usuários das Bibliotecas Comunitárias de Itaitinga, Ceará. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 39-54, jan. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362018000100039&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2020.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Tipos de bibliotecas**. 2020. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/tiposdebibliotecas/>. Acesso em: 09 out. 2020.

SOUSA, Margarida Maria de; FUJINO, Asa; SILVA, Adaci Aparecida Oliveira Rosa da. A pesquisa sobre "formação e atuação profissional do bibliotecário no século XXI" no Brasil. **Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria**, v. 6, n. 6. 6º Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/117415>. Acesso em: 18 mar. 21.

SUAIDEN, Emir José. O papel da biblioteca pública na reconstrução da verdade. **Ciência da Informação**, v. 47, n. 2, p. 143-152 set. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4285/3799>. Acesso em: 07 nov. 2020.

UNIÃO DE NÚCLEOS, ASSOCIAÇÕES DOS MORADORES DE HELIÓPOLIS E REGIÃO. **Institucional**. (2020). Disponível em: <https://www.unas.org.br/institucional>. Acesso em: 05 dez. 2020.

Recebido em: 07 de abril de 2020
Aprovado em: 22 de setembro de 2021
Publicado em: 02 de novembro de 2021